

Revista de História da Educação Matemática

HISTEMAT

ISSN: 2447-6447

Submetido: 29/11/2025

Aprovado: 01/05/2026



<https://doi.org/10.62246/HISTEMAT.2447-6447.2026.12.783>



FOTOGRAFIA, HISTÓRIA E MATEMÁTICA: os registros da professora Maria Davina de Lima

PHOTOGRAPHY, HISTORY AND MATHEMATICS: the records of teacher Maria Davina de Lima

Francisco Djnnathan da Silva Gonçalves¹

Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN)

djnnathan@yahoo.com.br



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4349221885144328>



Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1257-5173>

Leydson Jose Ferreira da Silva²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

leydsonssilva@gmail.com



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5679387121535178>



Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7316-4722>

Jovanira Santos Tavares de Albuquerque³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

jovaalbuquerque27@gmail.com



Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5646990803788261>



Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7743-8926>

¹ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte/IFRN, Brasil. Endereço para correspondência: RN 120, Km 2, Novo Juremal, São Paulo do Potengi/RN, Brasil, CEP:59460-000. Email: djnnathan@yahoo.com.br.

² Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Endereço para correspondência: Rua Boa Vista, 270, Novo Juremal, São Paulo do Potengi/RN, Brasil, CEP: 59460-000. E-mail: leydsonssilva@gmail.com.

³ Mestranda em Inovações em Tecnologias Educacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Professora da Secretaria de Educação da Educação, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte, Arez/RN, Brasil. Endereço para correspondência: Rua das Violetas, 677, capim macio, Natal/RN, Brasil, CEP: 59.078-160. Email: jovaalbuquerque27@gmail.com.

RESUMO

Esse escrito se constitui em um recorte do projeto denominado *Reconstruções dos cenários escolares da Região Potengi: os bastidores das histórias que influenciaram o ensino de matemática* que visa investigar os possíveis locais ou personagens que contribuíram para o ensino de Matemática na Região Potengi, no Rio Grande do Norte (RN). Neste recorte, direcionamos nossa busca a partir do objetivo de compreender os cenários históricos estabelecidos nos registros fotográficos realizados por Maria Davina de Lima entre 1990 e 2024. Assim, como embasamento teórico-metodológico utilizamos a História da Educação Matemática com uma abordagem qualitativa, em uma perspectiva da história e memória, além da história das disciplinas e instituições escolares. Para tanto, destacamos o uso da análise documental para a interpretação das fotografias, com o acréscimo da história oral para as entrevistas que realizamos. Dessa forma, a partir do cenário advindo desses registros, com o auxílio da professora Davina, tornou-se possível a reflexão acerca dos principais eventos no que tange à importância dos movimentos políticos, sociais e culturalmente estabelecidos durante a construção da adutora Monsenhor Expedito, especialmente na sua inauguração, ocorrida em 1999, marco para o abastecimento de água para os sertanejos das Regiões Agreste, Potengi e Trairi, no Estado do Rio Grande do Norte. Além disso, evidenciamos os aspectos da trajetória da professora Davina como elemento essencial para o reconhecimento dos contributos de suas memórias, que possibilitaram o entendimento dos investimentos de uma carreira na docência e da sensibilidade dos holofotes, que oportunizaram uma significação do passado vivido.

Palavras-chave: Maria Davina de Lima. História da Educação Matemática. História e Memória. Análise Documental. Fotografia da Região Potengi.

ABSTRACT

This text is part of a project called *Reconstruções dos cenários escolares da Região Potengi: os bastidores das histórias que influenciaram o ensino de matemática*, which aims to investigate possible locations or individuals who contributed to the teaching of Mathematics in the Potengi Region, in Rio Grande do Norte (RN). In this excerpt, we direct our research towards understanding the historical scenarios established in the photographic records made by Maria Davina de Lima between 1990 and 2024. Thus, as a theoretical and methodological basis, we used the History of Mathematics Education, with a qualitative approach, from a perspective of history and memory, in addition to the history of school subjects and institutions. We highlight the use of document analysis for the interpretation of the photographs, supplemented by oral history from the interviews we conducted. Thus, based on the scenario arising from these records, with the help of Professor Davina, it became possible to reflect on the main events, regarding the importance of the political, social and cultural movements established during the construction of the Monsenhor Expedito aqueduct, especially its inauguration in 1999, a milestone for the water supply for the inhabitants of the Agreste, Potengi and Trairi regions in the State of Rio Grande do Norte. Furthermore, we highlight aspects of Professor Davina's career path as an essential element for recognizing the contributions of her memories, which enabled an understanding of the investments made in a teaching career and the sensitivity to the spotlight that provided meaning to her lived past.

Keywords/Palabras clave: Maria Davina de Lima. History of Mathematics Education. History and Memory. Document Analysis. Photograph of the Potengi Region.

INTRODUÇÃO

O percurso estabelecido nessa escrita contemplou os principais fragmentos históricos de uma importante personagem da Região Potengi, do Rio Grande do Norte (RN), a professora Maria Davina de Lima. Antes de esclarecermos todos os detalhes dessa jornada e explicar os caminhos que trilhamos para a apresentação dos dados dessa pesquisa, expomos as características do início da investigação que se pautou em um projeto denominado *Reconstruções dos cenários escolares da Região Potengi: os bastidores das histórias que influenciaram o ensino de Matemática*. Isto é, a partir do movimento atrelado ao projeto supracitado como um pequeno recorte, selecionamos a nossa personagem para o decurso desse enredo. Essa escolha não foi tarefa simples, mas a representação que essa professora tem na comunidade, mesmo que ela ainda não saiba de sua importância para a memória e história da Região Potengi nos encaminhou para a investigação e escrita desse material.

A curiosidade de buscarmos ideias que pudessem direcionar os porquês de sua presença nos eventos mais importantes e icônicos dos municípios que compõem a Região em que vive. Os caminhos que aparentemente eram distintos e sem nexos, aos poucos foram se entrelaçando e os traços pessoais de Davina ganharam os nossos olhares como uma joia mais que rara. Estávamos diante de uma importante memória viva que poderíamos apresentar aos holofotes da academia, por meio de uma escrita que subsidiasse cada um dos fragmentos históricos para expor os detalhes dos bastidores de uma personagem lembrada por todos.

Neste contexto, inseridos em um movimento de compreender o passado por meio da fotografia como uma forma de observar nas combinações de habilidades técnicas e criativas de uma professora que capturou imagens com impactos político, social, cultural e educacional. Assim, o que propomos nesta investigação, não se refere apenas ao que pode ser visualizado nas fotografias, mas de permitir, a partir das memórias de Davina, a beleza desses cenários que foram reproduzidos em um *click*.

Ressaltamos que a ideia principal não se direciona para a exposição integral dos acontecimentos, por entendermos que, ao selecionar uma determinada foto, também escolhemos o que se deve ou não comentar acerca daquele acontecimento. É uma espécie de memória seletiva, como descrito por Pollak (1992), a personagem expõe apenas o que lembra, nem tudo fica gravado ou registrado, contempla várias variáveis e sobre flutuações quando mencionada em um determinado momento. Assim, se constitui uma memória que, em parte, herdada, expressa algo percebido individualmente. A esse respeito, embasados pelos escritos

de Borges⁴ (2013) acerca da importância do teórico Halbwachs (1990) em termos do uso da memória individual e coletiva, mencionados por Peres (2021) que afirmou:

[...] a relação da memória individual é construída socialmente, já que a tendência das pessoas é viver em grupos e se organizando em sociedade, criando laços de convivência, afinidades, memórias comuns, fortalecendo assim uma identidade coletiva e uma memória social (Peres, 2021, p. 72).

A reconstrução do cenário retratado em cada uma das fotografias que tivemos acesso, apresentadas pela professora Davina, obtivemos as possíveis experiências vividas e que ficaram marcadas na memória individual dela. Além disso, podemos destacar que as recordações pleiteadas aqui se direcionam para uma exposição de pensamentos que colaborem para o entendimento dos contextos que se entrelaçam a partir dos momentos políticos, movimentos sociais e culturais, com foco nos palcos da educação.

Em consonância com esse percurso a ser estabelecido pelas recordações, ora oportunizados com o subsídio das fotografias, ora permeado pelas lembranças orais dos momentos vividos para captação do registro realizado pela nossa personagem. Assim, a busca por ideias que pudessem desempenhar papéis importantes com as composições dos cenários que emergiram a partir dos registros dela organizamos a nossa investigação sob o de compreender os cenários históricos estabelecidos nos registros fotográficos realizados por Maria Davina de Lima no período entre 1990 e 2010, na Região Potengi.

Neste sentido, para compreendermos o alcance das reminiscências do passado e os possíveis contextos que a interpretação das memórias da professora Davina, no que tange a reconstituição dos aspectos que foram importantes para a comunidade de São Paulo do Potengi/RN (SPP/RN) – local de sua residência – e os desdobramentos para a Região Potengi, composta pelos demais municípios que compõem, nos debruçamos em responder a seguinte inquietação: Que histórias podem ser mobilizadas a partir dos registros fotográficos da professora Maria Davina de Lima para a Região Potengi?

Para a condução das nossas observações e o modo como apresentaremos cada um dos significados das análises e descrições das fotografias, bem como a forma de tratarmos as reminiscências da professora Davina não pode ser oportunizada com procedimentos estanques ou simplesmente com um sentido linear. Na realidade, as complementaridades advindas das interpretações dos objetos de análises – fotografias e dados relativos às entrevistas realizadas com ela –, propiciaram os aspectos subjetivos que moldaram a trajetória dessa escrita.

Esse olhar analítico das fotografias enquanto material de pesquisa, como expressão

⁴ Conferir a referência disponibilizada por Peres (2021) – BORGES, Cibele Dias. A memória coletiva e individual. SaberCom Repositório de Objetos Digitais Educacionais da FURG.

artística que envolve diversos significados, devemos atentar a outras necessidades, como descritos pelas pesquisadoras Faria e Camargo (2023) que afirmam:

Não obstante, ainda é necessário se atentar às características do espectador, pois as formas de analisar, compreender e interpretar as imagens revelam um posicionamento particular, construído a partir das vivências individuais em uma realidade histórica e cultural concreta, muitas vezes distinta das experiências do fotógrafo. Dessa forma, as imagens representam cenas, objetos e situações que podem sempre ser apreendidas através de outros ângulos, revelando múltiplas possibilidades que até mesmo não foram vislumbradas pelo fotógrafo – mas que podem ser desveladas por novos olhares (Faria; Camargo, 2023, p. 255).

E o contexto em que estávamos envolvidos, reconhece a importância dessa produção de conhecimento histórico, possibilitados pelas memórias da professora Davina com o auxílio do registro fotográfico que constituem no material de construção e reconstrução de cenários. De fato, a história permeada pelos eventos públicos nos holofotes de Davina contempla a exposição de personagens marcantes que, de certa forma, colaboram com a sociedade em que estavam inseridos, como elementos importantes que influenciaram no decurso de suas ações em prol de transformações socioculturais.

Contudo, para a complementação das informações prestadas por tais fotografias, deve-se destacar a sensibilidade de quem as tirou e a formatação de um enredo provocado pela subjetividade da ação de fotografar os principais aspectos vivenciados naquele momento. Assim, a nossa ideia não se resume a fotografia em si, mesmo que saibamos da relevância que esse tipo de registro estabelece na pesquisa qualitativa no que se refere a valorização dos processos que ressignificam as expressões artísticas e possibilitam a escrita de várias histórias, mas também pelo contexto que se elabora nos bastidores desses *clicks*.

Essa configuração em termos do material a ser coletado, interpretado, analisado e descrito, de modo a oportunizar o contexto de uma dada época, com a articulação das prerrogativas de uma pesquisa qualitativa como procedimento metodológico e contorno de caráter subjetivo, sem a necessidade de quantificarmos o que foi observado. Isto é, um estudo pautado em uma busca compreensiva de possíveis cenários comportamentais, com suas particularidades e experiências individuais de uma personagem que contribuiu para as várias histórias, a partir de sua curiosidade e sensibilidade de fotografar.

1. EMBASAMENTOS METODOLÓGICOS E TEÓRICOS

Antes de expormos as características metodológicas, propriamente ditas, recorreremos ao pesquisador Farias (2013) que descreveu o processo de entender o significado da memória,

a partir de imagens ou palavras que nos conduz ao passado experienciado por outros, ou seja:

Aqui a memória é traduzida em palavras e imagens, e transmite uma experiência vivida. Por meio dela podemos ter acesso aos momentos de antigamente que permanecem. São as lembranças dos eventos que cada um vive como seus. Mesmo sabendo que a memória não traz de volta o que aconteceu, é por meio do acesso à memória que reconstruímos fragmentos do passado. É bem verdade que o passado pode assumir significados diversos. A depender do lugar que ocupamos socialmente, as lembranças são diferentes, ou seja, elas não são rememoradas da mesma forma e com a mesma intensidade (Farias, 2013, p.14).

E o cenário oportunizado pelas memórias vividas por Davina, em conformidade com Farias (2013), remete aos diversos significados e nos direcionam para intensidades distintas daqueles que estiveram presentes no ato do registro. Além disso, essas memórias elucidam os contextos sociais, políticos e culturais de um dado momento histórico de modo a possibilitar o acesso aos trabalhos que foram realizados em prol do coletivo, bem como visualizar quaisquer outras ações que não tenham representado o que a sociedade lutava na época. Para que seja possível a compreensão integral dos caminhos que trilhamos para essa escrita, no que tange aos encaminhamentos metodológicos assumidos aqui, expomos o Infográfico 1.

Infográfico 1 - Procedimentos metodológicos da investigação



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2024).

Como pode ser observado no Infográfico 1, a presente pesquisa se estruturou por meio de um pentágono, caracterizado para alcançar o objetivo dessa investigação. De modo particular, o percurso estabelecido reconheceu os passos delimitados pela numeração descrita, mas também chancelada por outros direcionamentos indicados pelas setas. Assim, para compreender tal estruturação, descrevemos, a seguir, o significado que atrelamos aos itens que configura o procedimento metodológico de pesquisa:

- 1) *Pesquisa qualitativa (descritiva, interpretativa e analítica)* – contempla a base de todo o percurso para atingir o objetivo definido, bem como os possíveis desdobramentos de

uma abordagem qualitativa. Isto é, a partir da organização de descrever, interpretar e analisar todas as informações que conseguimos com a investigação, direcionamos a atenção para as aproximações de uma escrita histórica, sem perder a subjetividade que a memória da professora Davina;

- 2) *Pesquisa documental* – parte em que organizamos os itens a serem analisados e que possam representar os contextos de uma história em construção. De fato, a significação desse tipo de busca leva em consideração, de acordo com Kripka, Scheller e Bonotto (2015, p. 245) *apud* Bueno e Valle (2024, p. 6), a escolha de determinado documento, ou seja:

[...] consiste em delimitar o universo que será investigado. O documento a ser escolhido para a pesquisa dependerá do problema a que se busca uma resposta, portanto não é aleatória a escolha. Ela se dá em função dos objetivos e/ou hipóteses sobre apoio teórico. É importante lembrar que as perguntas que o pesquisador formula ao documento são tão importantes quanto o próprio documento, conferindo-lhes sentido (Kripka; Scheller; Bonotto, 2015, p. 245 *apud* Bueno; Valle, 2024, p. 6).

A escolha que fizemos se relacionou para quaisquer documentos que pudessem retratar os eventos em que a professora Davina protagonizou, mesmo que estivesse nos bastidores em que aparece como peça para a estrutura do registro histórico;

- 3) *Estudo dos aspectos historiográficos* – essa parte teve por consequência o ato de expor os principais contextos, no que se refere a apresentação de fatos que possibilitasse a compreensão do que ocorreu, o que se esperava, ou seja, contempla o acesso aos acontecimentos que possam ter gerado as organizações nos dias atuais. Assim,

[...] é preciso estimular e destacar a importância de estudos historiográficos a serem realizados por aqueles que ensinam matemática nas escolas, com isso a história da educação matemática poderá entendida, não mais como uma pesquisa da academia, mas, como uma possibilidade de entender o ensino da matemática atualmente com uma perspectiva apoiada na história da matemática escolar como forma de identificar o “novo” não tão “novo” assim, as permanências, as rupturas e as inovações para o ensino da matemática. Com isso, a história da educação matemática cumprirá com seu papel de que é necessária e essencial para compreendermos o processo de ensino da matemática nos diversos níveis de ensino e períodos temporais no cotidiano da escola (Costa, 2017, p. 38-39).

Essa parte da pesquisa evidenciou a importância de estudos que se debruçam acerca dos contextos escolares, permeados por suas personagens os moldaram.

- 4) *Análise dos registros fotográficos* – por meio da análise das fotografias, mas com o auxílio da professora Davina, destacamos o entendimento dos eventos expostos nos registros e os descrevemos, sem perder o significado da sensibilidade de quem as tirou. Essa parte consistiu em um momento único de reconfigurações de cenários e apontamentos que se relacionaram com as principais ideias que estavam nos bastidores do registro realizado e impresso, posteriormente por Davina;

5) *Entrevistas (semiestruturadas)* – para contemplar o percurso, construímos vários questionários, a serem aplicados, exclusivamente, com a professora Davina. Contudo, o nosso roteiro não se concretizava, por diversos motivos, seja pelo ambiente que não conectava com o espaço histórico (casa de um sobrinho da entrevistada), seja pelos desvios que eram comuns de ocorrer quando estávamos reunidos com ela.

A partir desses cinco elementos que compuseram o referencial metodológico, construímos, paulatinamente, os registros históricos de pesquisa, sem perder a essência dos fragmentos de memória da professora e das contribuições dos familiares que estavam presentes no momento que fazíamos as entrevistas. Assim, tivemos a participação da esposa de um de seus sobrinhos nos momentos de conversas, seja na sua residência, seja na casa de seu sobrinho. Contamos com as elucidações desses familiares e as colaborações permitiram o aprofundamento dos temas, ao observarmos determinadas fotografias e questionar acerca de quem estava inserido ou o significado do evento para a professora.

Em consonância com esse aparato metodológico, recorreremos a uma estrutura similar para a composição dos aspectos teóricos assumidos nessa escrita. A ideia corresponde a uma organização que possibilita o entendimento do embasamento teórico, que perpassa toda a pesquisa, com foco aqui, apenas na apresentação do Infográfico 2, que mobilizou a atenção para o que temos a ofertar como teoria.

Infográfico 2 - Embasamento teórico da investigação



Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2024).

A organização do Infográfico 2, estrutura de um pentágono, remete-se ao nosso

entendimento dos teóricos que sustentam o pensamento da investigação. Aqui, direcionamos aos contextos associados a relação entre história e memória, sob a perspectiva das pesquisas e estudos relacionados a História da Educação Matemática. Ressaltamos que cada um desses passos constroem as escolhas que fizemos para esmiuçar as informações e exibir os cenários que subsidiaram a compreensão em totalidade do objeto de estudo. Assim, para compreender tal estruturação, descrevemos, a seguir, o significado que atrelamos aos itens que configura o embasamento teórico desta pesquisa:

- 1) *História e memória* – essa parte se relaciona às ressignificações que percebemos ou concebemos a partir da memória para um direcionamento que possa imprimir as ideias históricas. Concordamos com as reflexões e discussões de Halbwachs (1990), Barros (2011), Le Goff (2013), Farias (2013) sobre a história e memória. Assim,

Memória, na sua designação mais habitual, vulgar e cotidiana, corresponde muito habitualmente a um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, ou aquilo que um indivíduo representa como passado. Considera-se ainda – e sempre é bom frisar que logo estaremos submetendo estas significações de Memória a uma crítica e a uma problematização – que de um ponto de vista biológico a memória humana, seja a memória recente ou a chamada memória permanente que se localiza no hipocampo, corresponderia a um processo que não permite precisão, uma vez que envolve esquecimentos, distorções, reconstruções, omissões, parcialidades, hesitações. Há ainda uma significação vulgar que remete a Memória a uma categoria estática relacionada à imagem de depósito de dados. A Memória surge então como mera atualização mecânica de vestígios (Barros, 2011, p. 317-318).

É evidente que essa memória como possibilidade de expor o que ocorreu no passado, tem suas limitações, como na afirmação de Barros (2011), algo que não pode ser deixado de lado. Na realidade, cada um promove o aspecto que seja conveniente a ser dito, ora pelo desejo de esclarecer momentos importantes que não deixaram marcas negativas, ora para servir de apagamento de fatos que distorceram o contexto que poderia inspirar outros. Assim,

Com relação ao aspecto da utilização da Memória como fonte histórica, persiste ainda nos dias de hoje uma série de polêmicas com relação a como tratar a Memória como fornecedora de materiais para a História, esta vista como ciência ou campo de saber que organiza o conhecimento sobre o passado ou sobre o homem no tempo. Como considerar a memória para a construção de uma interpretação histórica? Como utilizar fontes tidas como registros memorialistas, como as fontes orais, pelos Historiadores (Barros, 2011, p.318).

Essa concepção de utilização da memória como instrumento para a escrita histórica contempla a nossa ação, enquanto estudos voltados a configuração dos cenários escolares, a partir dos personagens que viveram na Região Potengi, em especial, a professora Davina;

- 2) *História das disciplinas escolares* – trata-se de um momento em que estudamos as ideias de currículos relacionados a disciplina Matemática, de modo a visualizar as informações que possam gerar os devidos conhecimentos de como o ensino ocorria na época de interesse dessa pesquisa. Devemos salientar que nossa ideia não tramita como discussão a composição dos currículos, tampouco, elucidar um aprofundamento nas disciplinas

escolares. Essa parte contemplou apenas a base para entendermos como estavam dispostos os conteúdos e como a professora utilizava os materiais didáticos para ensinar os conceitos matemáticos. Assim, consultamos as referências acerca da cultura escolar, manuais escolares, história das disciplinas escolares os pesquisadores como Julia (2001), Le Goff (2013), Chervel (1990) e Choppin (2004);

- 3) *História das instituições escolares* – para essa parte, trouxemos a crítica realizada pelo pesquisador Sanfelice (2008) como prerrogativa essencial do uso das instituições escolares para sinalizar o contexto de um determinado momento histórico. Tal pesquisador elucida os problemas ou desafios teóricos ao assumirmos a história institucional para compor o cenário da escrita histórica, devido aos diversos caminhos que poderão destoar do planejamento do investigador, no decurso de sua pesquisa. Contudo, reconhece a importância do uso das singularidades da instituição escolar, no sentido de explicar a identidade associada à realidade social, política e cultural, bem como os interesses dos que estiveram à frente desses ambientes educacionais;
- 4) *Memória Coletiva e Individual* – a ideia dessa parte é aglutinar os conceitos para coordenar o processo de escrita, com a identificação dos indivíduos que subsidiaram os principais eventos na Região Potengi. Compõem-se por evocações das lembranças interpessoais, mas que se relacionam com as identidades coletivas, em conformidade com Barros (2011) que se apoiou nos estudos de Halbwachs (2004);
- 5) *História Oral* – essa parte da pesquisa se direcionou para os estudos que elucidavam a história oral como um viés para embasar as entrevistas. Destacamos que existe uma consideração para o aspecto metodológico, mas que no nosso estudo, não o reconhecemos apenas sob essa perspectiva. Concordamos com Garnica (2004, 2007) quando menciona o caráter qualitativo assumido pelas pesquisas que envolvem a história oral, além do sentido proposto por Barros (2011) acerca do tratamento dado a memória humana, a saber,

Com a possibilidade de tratar a memória como um aspecto a ser problematizado e atravessado por novos questionamentos, e não como mera instância capaz de fornecer informações sobre este ou aquele processo, surgiam as condições e possibilidades para uma nova e importante modalidade da História: a História Oral. Vejamos neste momento os aspectos que se referem ao tratamento da memória humana como fonte para a Historiografia (Barros, 2011, p. 338).

De posse de todos esses itens, configurados como embasamento teórico assumido para a escrita dessa produção científica que visa, ao término de todo o percurso, possibilitar o entendimento acerca do que denominamos como História da Educação Matemática. De modo geral, para o entendimento do estudo, de forma sintética, cada uma das ideias foi pensada e

colocada em prática, a partir dessa organização metodológica e teórica.

2. FOTOGRAFIAS COMO REGISTROS HISTÓRICOS

O elemento mais importante da pesquisa foi a fotografia, com o apoio das memórias apresentadas pela professora Davina no decurso dos nossos encontros. Cada uma das conversas ocorreu de uma forma simples, como em encontros com amigos, em que as informações emergiram naturalmente, sem admitir uma linguagem técnica ou mesmo em uma formalidade da língua. Assim, aqui, apresentamos os detalhes de uma conversa acerca do álbum de família, mesmo que suas conotações se dirijam para os diversos espaços em que a professora exerceu sua arte de fotografar. Não se tem uma linearidade, mas uma busca por sentido atrelado à relação entre a fotografia, os aspectos pessoais e os caminhos de uma professora de Matemática com contributos para a Região Potengi.

Para o início da nossa jornada, ilustrada pela Imagem 1, que mostra um dos vários momentos em que a professora Davina participou, como responsável pela cobertura de eventos na posição de fotógrafa.

Imagem 1 - Professora Davina registrando um evento sobre o abastecimento de água em 1993



Fonte: Acervo dos pesquisadores, cedido por Davina (2024).

O contexto da fotografia, espelhada pela camisa da nossa personagem, imprime a importância da água como um bem para todos, complementada ao fundo desta imagem, que expressou o movimento em que estava inserida: evento para discutir o abastecimento de água

para a Região Potengi, no Rio Grande do Norte (RN). Não nos deteremos às minúcias das datas, em decorrência da falta de uma certeza sobre o período que aconteceu o registro, mas como parte da memória, o mais importante é o significado atribuído por Davina quando a questionamos, sem a necessidade de imputar uma data para a validade de sua recordação.

Essa fotografia representou um dos eventos denominado de audiência pública que aconteceu no município de Santa Cruz/RN. O momento foi marcado por um aglomerado de deputados e outras pessoas que tinham vínculo com o meio político, com vistas a tratar do Projeto “Como conviver com a seca”. A professora Davina, juntamente com outros profissionais, tinham a incumbência de registrar todo o acontecimento social. Pode-se questionar acerca da relação dela no meio político, bem como, direcionar a atenção para os porquês de ter adentrado em uma profissão como a de fotografar tais momentos.

Para contextualizar essa inclinação dela para a fotografia, mesmo com uma formação acadêmica e em exercício pleno de sua profissão, devemos citar a figura ícone do Monsenhor Expedito⁵, antigo pároco do município de São Paulo do Potengi/RN. Assim, sem pretensão de direcionar seus estudos e trabalho para a fotografia, com o uso de uma máquina da *Kodak*, a professora registrava as imagens de seus familiares nas celebrações ecumênicas ocorridas na instituição em que proferia sua fé. A partir disso, sob o olhar do Monsenhor, a professora, Imagem 2, começou a ganhar gosto pela fotografia, principalmente, quando foi presenteadada com uma máquina mais profissional da *Olympus*, além de uma filmadora, posteriormente.

⁵ Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros (1916-2000) foi o responsável pela Paróquia de São Paulo Apóstolo do município de São Paulo do Potengi/RN de 1943 até o ano de sua morte. Conhecido como “O Profeta das Águas” por ter sido o principal agente em favor dos pobres na construção da adutora Agreste/ Trairi/ Potengi que, em sua homenagem, recebeu o nome de Adutora Monsenhor Expedito.

Imagem 2 – Professora Maria Davina de Lima no Sítio Jurema, São Paulo do Potengi/RN em 2023



Fonte: Acervo dos pesquisadores, cedido por Davina (2024).

Naturalmente a professora começou a acompanhar o processo de evangelização do Monsenhor pela Região Potengi, passando por diversas comunidades e sempre com a máquina pronta para registrar todos os momentos. Ressaltamos que o presente não tinha relação com esse processo de evangelizar, ou seja, ela sempre ficou à vontade para registrar quaisquer outros eventos que lhe interessasse. Entretanto, destacamos a partir das nossas conversas com ela que essas evangelizações constituíram um dos pontos de partida para que o *hobby* se transformasse em uma profissão.

Como mencionamos, a partir das visitas de Monsenhor nas comunidades, propiciou um acervo considerável, mesmo que a professora Davina dificilmente aparecesse nas fotografias, por sempre estar nos bastidores do ofício. Enfrentando, destacamos a Imagem 3, que entregou sua câmara para outra pessoa registrar o momento.

Imagem 3 - Evento em que Davina participou com Monsenhor



Fonte: Acervo dos pesquisadores, cedido por Davina (2024).

Se observarmos a Imagem 3 e questionarmos sobre o ano que foi tirada, as pessoas que compõem a fotografia – destacados aqui, Monsenhor Expedito de óculos, camisa branca e terno preto; e do lado esquerdo dele a professora Davina, penúltima pessoa com calça rosa clara, camisa escura com detalhe em branco. Contudo, focamos apenas em abordar ou “contar” as características que se relacionam com a história pessoal, acadêmica ou profissional da professora Maria Davina de Lima, bem como, quaisquer registros realizados por ela em seus momentos de fotógrafa *freelancer* de eventos populares.

É importante registrar que para poder apresentar a narrativa que está nos bastidores de cada fotografia, precisamos ir além do simples olhar da representação que o objeto analisado, principalmente para compreendermos como esses fragmentos de memória direcionam para a escrita histórica. Desse modo, a principal forma de se obter essas respostas se relaciona a quem registrou a fotografia, a partir do diálogo com a personagem que nos presenteou com tal cenário, no nosso caso a fotógrafa Davina.

Nesse contexto, entrevistas são histórias orais que retratam a memória do entrevistado e é através da memória relatada pelo autor das imagens fotográficas que se pode entender as possíveis relações existentes entre uma imagem e sua história. A esse respeito, Gonçalves (2015) reitera que,

[...] a História Oral dedica-se em recolher depoimentos de indivíduos sobre processos históricos e sociais, recupera memórias individuais e coletivas e possibilita a associação de eventos da vida pública e da vida privada por meio de narrativas individuais. (Gonçalves, 2015, p.107).

A história oral registrada por meio da narrativa de uma entrevista como fundamental para o registro da memória que não fica evidente nas fotografias, com a capacidade de capturar testemunhos diretos e vivos dos acontecimentos históricos. Assim, Davina direcionou a atenção para Monsenhor Expedito, caracterizando-o como uma pessoa essencial na sua jornada, no que

se refere ao incentivo para a fotografia. E, como importante, destacou a Imagem 4, como a mais impressionante expressão artística que ela produziu, o momento exato (dia 14 de maio de 1999) em que chegou água na Região Potengi, pela Adutora Monsenhor Expedito.

Imagem 4 - Monsenhor Expedito em São Paulo do Potengi em 1999



Fonte: Acervo dos pesquisadores, cedido por Davina (2024).

A professora Davina enfatizou a luta de Monsenhor para que todos os sertanejos tivessem acesso à água e recordou, com uma espécie de paráfrase, o que ele havia dito na audiência pública em 1993. Ela mencionou que o “profeta das águas”, como era conhecido o Monsenhor, afirmou “aqui ninguém bebe água”, na hora que um dos participantes da mesa solicitou água para matar sua sede. Explicou que todos mereciam passar, pelo menos, um pequeno tempo com sede para que tivessem a sensibilidade e solidariedade para aqueles que passam o ano inteiro com essa necessidade diária. Acrescentou, mesmo que fora de contexto, a importância de Monsenhor, quando ensinou o processo de elaboração de materiais para as apresentações que o mesmo fazia nas reuniões a respeito de sua escrita nas transparências (espécie de *slides* que eram projetados em um equipamento denominado de retroprojeto).

De fato, concordamos com o ditado popular que diz: “uma imagem vale mais que mil palavras” e certamente há um sentido nesta conotação, por mais simples que seja a imagem, podemos afirmar que diz muito sobre uma pessoa, um lugar ou um evento que se esteja incluído nesse espaço, como uma fotografia. Se levarmos em consideração, Ciavatta *et al* (2023, p. 17), observamos que

[...] a fotografia é o elo afetivo que nos relembra, emociona e aproxima do passado. Ela importa para a identidade do indivíduo, da família, da comunidade, ela importa enquanto fonte histórica e como instrumento da memória, e esse é um fator comum nas diferentes abordagens da história.

Tecnicamente, a fotografia contempla uma forma de arte que combina habilidades técnicas e criatividade para capturar momentos e, dependendo do contexto a serem inseridas, criar imagens simples ou impactantes. Mas, aquilo que não percebemos, que está por trás da beleza visual das fotografias, é que elas “contam” a história daquele momento capturado pelas lentes fotográficas. Isto é, o significado que cada registro apresenta, no mínimo, uma lembrança a ser narrada pelo seu retratista, uma memória capturada em um único *click*.

A esse respeito, antes que pudéssemos questionar acerca dessas capturas, a professora Davina destacou com uma simples indagação, que esses momentos não constituíam em tarefa fácil. Na ocasião, afirmamos que sim e, ao mesmo tempo, direcionamos a atenção da entrevistada para o contexto de cada uma das fotografias que estávamos a observar, naquele dado instante. Assim, respondeu-nos:

“Quando eu fotografo, às vezes é até sem (convite)... eu vou pra um evento assim, não sou convidada, mas eu vou, sabe, vou lá e tudo, mas aí é à vontade. Eu tiro (fotografias) do todo, né? Você tem uma reunião que eu possa entrar e tirar fotografia, né, aí eu tiro do todo. Aí assim... tem duas pessoas também aqui (aleatórias), aí eu tiro também. E assim vai! É à minha maneira de fotografar. É assim. Por isso que todo canto que eu vou levo uma (máquina fotográfica). Até esqueci que eu podia ter trazido aqui, né? (risos)” (Entrevista com Davina, 2024).

De fato, a espontaneidade na maioria das fotos, contempla exatamente o que a professora descreveu, como se a sensibilidade da fotógrafa tivesse apenas a preocupação do registro daquele momento. Algo que nos remeteu a viver, mesmo que por tabela, o contexto histórico e as emoções dos que estiveram presentes naquela ocasião. Um documento que gera recordações e elucidações acerca do que foi possibilitado pelos envolvidos, com discussões propositivas, gargalhadas e muitas outras significações que a fotografia de Davina nos propõe. Uma organização de um *click* que talvez não estivesse com as conotações que observamos ao vê-las hoje, mas com certeza, nos conduz a perceber as interações sociais, de um modo diferente daqueles que vivenciamos no agora.

3. A PROFESSORA DE MATEMÁTICA

Iniciamos este item com uma das poucas fotografias que encontramos da professora Davina em momento conjunto com uma educanda. Essa raridade foi descrita por ela como algo natural, visto que não tinha tempo de fazer as capturas dos momentos em que estava na sala de aula. A Imagem 5 representa o fechamento de um ano letivo, na Escola Estadual Senador

Dinarte Mariz em 1987, com a ex-aluna Josefa Elizângela dos Santos, que também está no processo de finalização de sua formação em Matemática. Davina, como professora exigente, os educandos não gostavam dela e era normal não pedirem para tirar fotos com ela.

Imagem 5 - Davina e sua ex-educanda Elizângela da Escola Estadual Senador Dinarte Mariz em 1987



Fonte: Acervo dos pesquisadores, cedido por Davina (2024).

Essa curiosamente serviu como uma provocação acerca dos poucos registros, mas afirmou que realmente a função de educadora lhe tomava uma parte significativa do tempo e, naturalmente, nas escolas ela dedicou-se mais à educação do que à fotografia de seus educandos. Como seu *hobby* era praticado com a família ou em eventos aleatórios que ocorriam na Região Potengi ou em municípios circunvizinhos.

A priori, solicitamos que a professora Davina informasse o que considerou importante para fazer o curso de licenciatura em matemática. Contudo, tivemos uma surpresa com sua resposta, por ter dito que não era formada nessa especialidade. Mesmo com aquele momento incrédulo, prosseguimos para compreender qual era sua formação, ou seja, a investigação começava a ganhar outras formas e nosso gosto pela pesquisa. Assim, Davina iniciou suas ponderações, com a informação da sua formação acadêmica e seu gosto para ser professora de matemática que, a propósito, partiu da Irmã Verena, com a seguinte descrição

“[...] Eu fiz vestibular... na época também era todo mundo querendo ser professora, então eu fiz vestibular e fiquei em pedagogia. Passei em pedagogia. Não tem nada a ver com matemática, né? Mas continuei sendo professora de matemática. [...] Eu comecei a ensinar no Colégio (São José) no ginásio e a irmã Verena (antiga diretora do Colégio São José) ... eu acho que ela achou que eu gostava muito de matemática! As minhas notas eram muito boas em matemática. Aí, ela disse: você vai ser professora! Eu disse: Ave Maria! E é? Ela disse: É! Vai ser professora. Então daí... desmanchou-se! Irmã Verena foi quem me encaminhou a saber que sou professora de matemática” (Entrevista com Davina, 2024).

De posse dessa informação, ao fato de a professora ter formação acadêmica em Pedagogia, direcionamos a trajetória de pesquisa para outros caminhos. Na realidade, questionamos ainda mais Davina sobre esse aspecto de seus estudos acadêmicos que realizou na capital potiguar, ou seja:

“(Depois do vestibular) Fui pra Natal/RN. Onde morei na residência Universitária [...] daí eu fiquei morando na residência. Continuei na pedagogia mesmo, mas sendo professora de matemática e às vezes o povo ficava muito admirado (diziam) vii! Você não é formada em matemática, não? Eu dizia: não. Mas eu gosto de matemática [...] Ensinei em Serra Caiada/RN. Eu pegava um ônibus de Natal/RN de dia e voltava de noite num ônibus que vinha de Caicó chamado Corujão, de meia-noite. Como aqui, pegava um táxi e ia para a residência” (Entrevista com Davina, 2024).

Para acrescentarmos as afirmações da professora, questionamos se recordava dos nomes dessas escolas, momento em que ponderou com a seguinte descrição:

“No Colégio São José [...] eu ensinei em Serra Caiada/RN, no Colégio Nossa Senhora de Fátima em Natal, São Pedro/RN... eu ensinava só matemática. Eu gostava de matemática, aliás, eu gosto ainda de matemática. Então, a minha vida profissional foi essa [...] eu como professora era muito exigente. Sou muito exigente como professora, sabe! E os alunos não gostam de matemática. A maioria, não é isso? Não é todo mundo, mas a maioria tem muita influência dos pais. Eu acho que eles (dizem para os filhos) cuidado com o professor de matemática! O aluno já chega como? Com medo, né?” (Entrevista com Davina, 2024).

E os fragmentos de suas memórias começavam a esboçar as características dos locais que lecionava, principalmente com a descrição sobre determinada experiência em que os pais queriam subornar a professora, comentou:

“Mas é muito aluno (que já ensinei), viu. Eu não conheço mais alguns alunos. Mas uns alunos chegam e (dizem) eu fui seu aluno! [...] Eu tive muito aluno bom que chega e diz e agradece, né? Hoje em dia (dizem) A melhor professora que eu tive! Mas não era, na época, pra eles não! (risos) Eles não querem. Aluno não quer professor exigente, né? [...] agora, aconteceu muitas vezes de um pai ir lá em casa pra passar um aluno, entendeu? (Eu disse) Não! Ele teve toda a chance dele. [...] No (Colégio) Nossa Senhora de Fátima, uma mulher queria me dar dinheiro para passar a filha. Quando eu morava na residência Universitária, ela foi deixar o dinheiro lá. Aí eu peguei o dinheiro, fui falar com a diretora e a gente foi deixar na casa dela. A diretora era boa. O povo pensa que compra tudo com dinheiro, né?” (Entrevista com Davina, 2024).

Pontuamos que a realidade vivenciada pela professora naquela época, ainda existe nas instituições escolares. Muitas das vezes, os pais ou responsáveis, direcionavam para a escola, toda a responsabilidade da educação dos filhos. Não existe uma dissolução entre o papel da família e o que a escola pode oportunizar para o desenvolvimento dos educandos. Um dado preocupante que envolve o problema da má qualidade de educação que vem da indisciplina do próprio ambiente particular, algo que a escola não tem como modificar.

De contraponto ao que estávamos conversando, solicitamos o documento que lhe dava o direito de exercer a profissão docente de pedagogia (diploma). Como registrado, a professora mencionou que na sua época havia um interesse mútuo entre as pessoas que, logo após concluírem os estudos primários e secundários, queriam fazer a prova do exame vestibular para

poderem ingressar na formação de professores. Ao concluir seus estudos da Educação Básica, Davina realizou o exame de admissão e foi aprovada para fazer o Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Em consonância com as perguntas, advindas da curiosidade de compreendermos e aprofundarmos os preceitos de uma professora aposentada, começamos a solicitar materiais do tempo de escola. Descobrimos que ela guardava os livros de matemática que utilizava para produção de suas aulas. Assim, pegamos esses materiais e disponibilizamos, a partir de uma composição da capa e sumário, Imagem 6, uma descrição do que estava inserido em cada um deles. Não nos aprofundamos, como gostaríamos inicialmente, mas destacamos esses materiais como aparato das construções conceituais da professora Davina.

Imagem 6 – Exemplo de um dos livros didáticos que a professora Davina utilizava para a elaboração da sua aula



Fonte: Acervo dos pesquisadores, cedido por Davina (2024).

O livro⁶, apresentado na Imagem 6, aborda os conteúdos de Progressões, Logaritmos, Equações Exponenciais e Geometria Espacial através de uma leitura conceitual voltada para alunos do Curso Colegial e para candidatos ao exame de vestibular. Contém, também, uma série de exercícios para fixação de cada assunto estudado.

De um modo geral, explicado pela própria professora Davina, sua organização se

⁶ O livro intitulado Matemática (1º Ano Colegial), de Ary Quintella, Editora Nacional – 24ª Edição, São Paulo, 1967.

pautava em um ensino para aprender matemática com prática. Esclareceu que era exigente e que sua fama era algo natural que a precedia. Esse fato, dito anteriormente, fez com que a professora tivesse poucas fotografias dentro da escola, com os educandos, mesmo que não fosse comum o uso de câmeras no ambiente escolar. Existia, na época, poucos registros, pelo tempo que isso demandava e poderia atrasar seu planejamento, apoiado em um livro denominado *Introdução à teoria do planejamento*. Neste livro, a professora Davina estudou e se aprofundou acerca do sentido de produzir um plano de trabalho para executar em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste contexto, como mencionado diversas vezes no nosso escrito, cada uma das fotografias nos remete a tantas histórias quanto quiséssemos, principalmente por retratar figuras que foram importantes ou que ainda o são, para o desenvolvimento social, político e cultural da Região Potengi. Nos deparamos com muitas histórias e vários esquecimentos, como a própria história de vida da professora Davina e, ao mesmo tempo, sabemos que aqui, não contemplou uma porcentagem que seja suficiente para esboçar a relevância de seus registros para a sociedade norte-rio-grandense.

Dessa forma, como símbolo de interesse particular, mas ao mesmo tempo por conotações coletivas, garantimos o acesso às memórias individuais de uma personagem importante do município de São Paulo do Potengi, com uma reflexão de aproveitarmos os contextos históricos, sociais e culturais daqueles que se doaram para uma sociedade mais justa e igualitária. Não afirmamos que diretamente os feitos da professora Davina tenham alcançado patamares elevados, mas o legado de quem propiciou a guarda de muitas histórias com os *clicks* de sua máquina fotográfica. Um importante passo para o reconhecimento dos bastidores de uma professora que promoveu, a partir de sua sensibilidade de fotografar, a beleza de registrar o passado para termos conhecimento no presente.

REFERÊNCIAS

Barros, José D'Assunção (2011). Memória e história: uma discussão conceitual. *Tempos Históricos*. Volume 14, p. 317-343.
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6798378.pdf>

- Bueno, Maria Luiza Rocha; Valle, Júlio César Augusto do (2024). A matemática na gestão Freire em São Paulo: análise documental do caderno de relato de prática de Matemática do Movimento de Reorientação Curricular (1989 - 1991). *Revista de Educação Matemática (REMat)*, São Paulo, v. 22, p. 01-24, eISSN: 2526-9062.
- Ciavatta, Maria *et al* (2023). *A fotografia como fonte de pesquisa: da História da Educação à História de Trabalho-Educação*. Editora Navegando. ISBN: 978-65-81417-83-3. Uberlândia.
- Chervel, André (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, n. 2, p. 177-229.
- Choppin, Alain (2004). História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549-566, set./dez. <https://www.scielo.br/j/ep/a/GNrKGpgQnmdcxwKQ4VDTgNQ/?format=pdf&lang=pt>
- Costa, Reginaldo Rodrigues da (2017). A pesquisa em história da educação matemática: um panorama das pesquisas apresentadas no XI Encontro Nacional de Educação Matemática. *HISTEMAT – Revista de História da Educação Matemática*, ano 3, n.2. <https://www.histemat.com.br/index.php/HISTEMAT/article/download/157/103/482>
- Farias, Carlos Aldemir (2013). *Reviver: memórias de Maria do Rosário Farias*. São Paulo, SP: Livraria da Física; Natal, RN: Flecha do Tempo Editorial.
- Faria, Paula Maria Ferreira de; Camargo, Denise de (2023). Contribuições da fotografia para a pesquisa qualitativa: uma perspectiva histórico-cultural. *Revista Pesquisa Qualitativa*, [S. l.], v. 11, n. 26, p. 250–264. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/491>
- Garnica, Antônio Vicente Marafioti (2004). *História Oral e educação Matemática*. In: Borba, Marcelo de Carvalho; Araújo, J. L. (Org.) *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Garnica, Antônio Vicente Marafioti (2007). História oral e educação matemática: um inventário. *Revista Pesquisa Qualitativa*, [S. l.], v. 2, n. 1. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/19>
- Gonçalves, Francisco Djnnathan da Silva (2015). História da educação matemática no Brasil: contribuições das pesquisas para professores da educação básica. 152f. *Dissertação (Mestrado em Educação)* - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/20417>
- Julia, Dominique (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43. <https://repositorio.unifesp.br/items/e9023977-ec31-43ec-802a-7ba9759d8ea2>
- Le Goff, Jacques (2013). *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão, et al. 7ª Edição, Campinas, SP: Editorial da UNICAMP.
- Peres, Sonia Maria Zanezi. Maurício Halbwachs e a memória coletiva e individual. *Revista Missioneira*. Santo Ângelo, v. 23, n. 2, p. 71-78. <https://san.uri.br/revistas/index.php/missioneira/article/download/693/356/2383>
- Pollak, Michael (1992). Memória e identidade social. Traduzido por Monique Augras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10., p. 200-212. <http://www.pggedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>

Sanfelice, José Luís (2008). História das instituições escolares: desafios teóricos. *Série Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB*. Campo Grande, MS: n. 25, p. 11-17, jan./jun. <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/download/212/209>